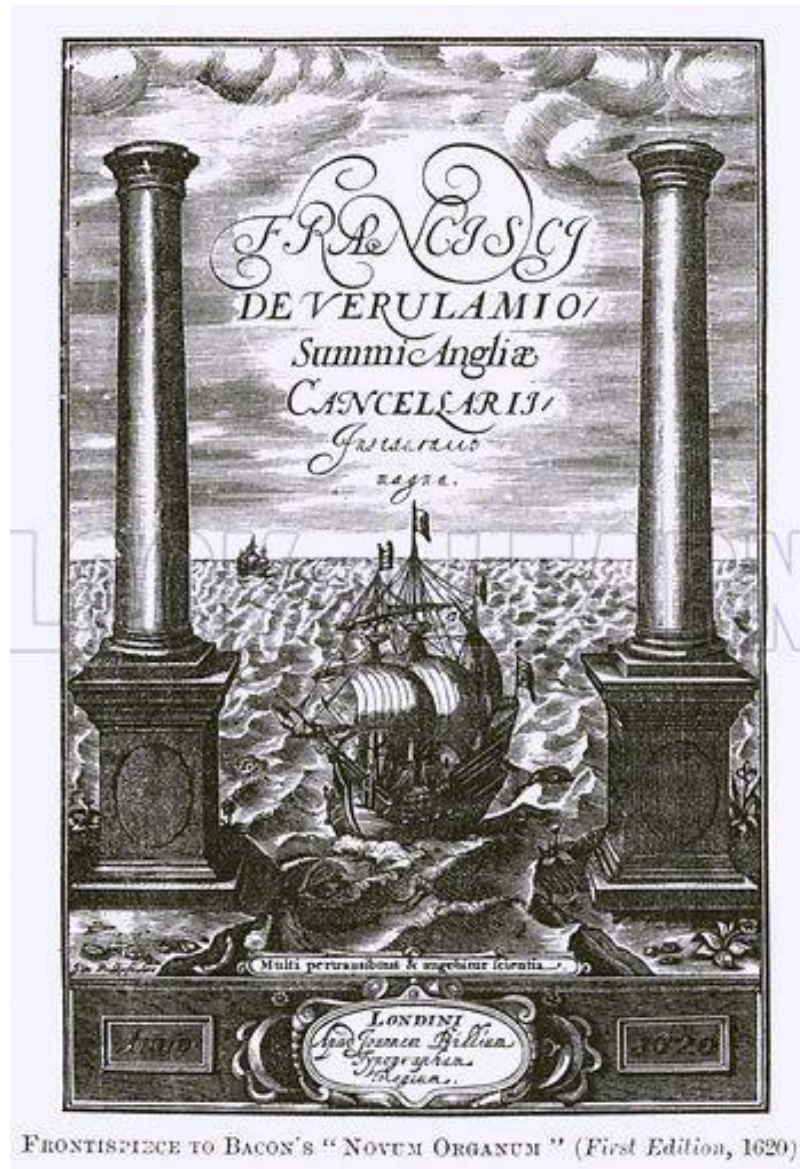


Francis Bacon:

Quarto Centenário do *Novum Organum*



Pedro de Alcântara Figueira¹



Fonte: <https://www.lookandlearn.com/history-images/M172041/Frontispiece-to-BaconsNovum-Organum>

Acesso em 24/06/2020

¹ Historiador e professor aposentado da Universidade Federal de São Carlos.

Neste ano, 2020, se comemora o Quarto Centenário da publicação da obra **Novum Organum** de Bacon. Alinhando-nos a essa comemoração, e a pedido do Professor Gilberto Luiz Alves, alinharei aqui algumas ideias sobre a **Nova Atlântida**. O leitor de Bacon teve sempre em mente que os vocábulos **novo** e **nova** não fazem parte dessas duas obras por nenhuma outra razão senão porque elas marcam uma nova época histórica.

A respeito de chamar a **Nova Atlântida** de ficção científica, isto não me serve. Utopia científica pode ser.

Falemos um pouco do lado histórico de todas as utopias. Elas marcam, todas elas, uma insatisfação com a situação dominante. São, por outro lado, uma forma de percepção de que o mundo pode ser outro. Ainda por outro lado, elas encerram uma crítica ao existente e um ponto de partida para tentar mudá-lo. Considerando esses aspectos, podemos classificar a **Nova Atlântida** como utopia. As utopias, com muita frequência, são um indício forte de que o mundo não está bem onde está.

Na verdade, precisamos procurar entender o que significa essa Utopia. Ela advém na verdade das convulsões do processo de transformação que abalam o mundo feudal, e que Bacon procura resolver.

Bacon sabia perfeitamente que sua Ilha não existia e nem podia existir, mas sabia de sobra que a ciência de que a sua época precisava não podia frutificar num ambiente educacional como o que ele descreve no **Novum Organum**:

"Por outro lado, nos costumes das instituições escolares, das academias, colégios e estabelecimentos semelhantes, destinados à sede dos homens doutos e ao cultivo do saber, tudo se dispõe de forma adversa ao progresso das ciências".
(BACON, 1999, Aforismo XC, p. 73)

Para, evidentemente, se livrar de uma instituição que age contra aqueles que deveriam ser seus propósitos, refugia-se na fantasia. Mas o que vemos aí, ao contrário, é uma profunda crítica concretamente realizada. Mais do que isso, individualmente Bacon realiza o que a sua época estava a exigir, ou seja, uma verdadeira revolução na ordem das ideias. Como entendemos que Bacon sabia perfeitamente que o tempo produz as ideias que lhe correspondem, pensamos estar na ordem de sua organização da nova ciência uma nova organização da sociedade.

O que Bacon põe na boca do Sacerdote está cheio de fantasias, fantasias, sim, mas repletas de forças capazes de pôr abaixo, concretamente, o velho mundo. Nenhuma dessas fantasias está ali sem uma forte motivação revolucionária.

Ele parte de uma forte motivação segundo a qual ele próprio representava forças que se encontravam represadas no mundo das instituições políticas dominantes.

É por aí que devemos ler essa “utopia”. Não sem razão agora lhe acrescentei essas aspas. Fiquem aí porque o novo mundo que nascia, e que Bacon com sua *ciência ativa* analisa a sua anatomia, mostra que toda nova civilização só brota como resultado de uma luta tenaz.

Duas coisas Bacon quer mostrar. A primeira é a diferença entre a Ilha e seu país. Na Ilha as forças criativas não devem nada ao passado, estão livres para se realizar e servir de fantasia, voar livremente. Ao acentuar repetidamente essa diferença, Bacon tem em vista mostrar que a sua ciência não nasce na cabeça de um gênio, mas da luta social, da eliminação das velhas classes, cujas forças a história está a destruir.

Um grito de liberdade pode, também, se expressar na forma de utopia, desde que, evidentemente, não esqueçamos que nada do que é humano é estranho à história. E nesta passagem que passo a citar se encontra precisamente esse personagem, o homem, sem o qual todas as coisas são impensáveis: “O fim da nossa instituição é o conhecimento das causas e dos segredos dos movimentos das coisas e a ampliação dos limites do império humano para a realização de todas as coisas que forem possíveis”. (BACON, 1999, p. 238)

Naquele mundo posto ali numa ilha por Bacon, a luta contra as velhas estruturas sociais demonstra ser possível realizar aquilo mesmo que as forças decadentes tentam mostrar ser impossível². Bacon travou uma luta incansável para demonstrar que “a ampliação dos limites do império humano” não era uma utopia. Por essa razão faz reiteradas alusões àqueles fatos que, para ele, tornaram necessário o nascimento de um novo mundo. Fazem parte dos seus argumentos referir-se constantemente às Grandes Navegações, à descoberta da pólvora, aos instrumentos de navegação, especialmente à bússola.

A sua Ilha, podemos dizer, se resume a uma crítica concreta às instituições educacionais de seu país. Ao tomar a liberdade de a tornar abstrata, ou seja, *não estar em lugar nenhum*, ele se permite eliminar qualquer possível contaminação do velho mundo. Isto não acontece sem um grande esforço, o qual contém uma tentativa de arregimentação daqueles que em seu país estão livres da repressão à ciência capitaneada pela Santa Inquisição. Mesmo em se tratando da Inglaterra, onde a Inquisição vira seu poder ser reduzido, o que acontecia no resto da Europa levava J. Locke, em seu escrito sobre a tolerância, a advertir sobre os seus “argumentos abrasadores”, ou seja, as

² “Todos aqueles que ousaram proclamar a natureza como assunto exaurido para o conhecimento, por convicção, por vezo professoral ou por ostentação, infligiram grande dano tanto à filosofia quanto às ciências. Pois, fazendo valer a sua opinião, concorreram para interromper e extinguir as investigações”. (BACON, 1999, p. 27)

calamitosas fogueiras usadas para eliminar todos aqueles que arriscavam a diferir do seus dogmas, por exemplo, que a terra era plana.

REFERÊNCIA

BACON, Francis. **Novum Organum; Nova Atlântida**. Trad. e notas de José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Nova Cultural, 1999.



www.icgilbertoluizalves.com.br/